

PARA QUE O SABER SE TRANSFORME EM SABEDORIA*

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO**

"O problema central do mundo moderno é a completa emancipação e autonomia da mente técnica, numa época em que possibilidades ilimitadas se abrem diante dela e todos os recursos parecem estar à mão".

(THOMAS MERTON)

O desenvolvimento de qualquer sociedade tem em si mesmo a proporção dos problemas da humanidade em seu inesgotável processo de transformação criadora. Como bem assinalou o Padre Fernando Bastos Ávila a humanidade hoje presente a exaustão de um processo civilizatório incapaz de descobrir horizontes além da afluência.

O que todos sentimos é a necessidade de detectar novas alternativas que restaurem nossas esperanças no futuro. De nada adianta oferecer conforto se antes, pela verdade e pelo amor, não se alcança o bem-estar social. O fato é que a perplexidade dos nossos dias pode ceder lugar a certeza de um mundo mais feliz, se tomarmos efetiva consciência de que depende de nós - pessoas humanas - construir nossas próprias vidas, ordenando a sociedade para a realização plena dos seus membros. O primeiro passo é agir solidariamente com vistas a uma convivência pacífica na sociedade em que vivemos e na comunidade internacional. Todos os povos têm aspirações comuns de paz e de bem-estar social, e para estas aspirações devemos dedicar o melhor dos nossos esforços.

Questionar os destinos da humanidade, em certa medida, é questionar os nossos próprios destinos. Hoje, mais do que em qualquer outro período da História, existe um vínculo forte entre as nações. Muitos problemas são comuns. Com frequência as ameaças que pairam em determinada região atingem as demais. Mas, como assinala David Thomson,

* 1976/1977.

a importância das forças isolacionistas, autárquicas e separatistas tem sido, durante os últimos cinquenta anos, uma característica da história mundial, de valor pelo menos igual ao do desenvolvimento da cooperação internacional.

Não é possível acreditar que o homem perca a oportunidade de transformar a diversidade em unidade, para a construção de um mundo mais feliz. É o momento próprio para lembrar uma formulação já clássica: acreditar menos no que as instituições que criamos podem fazer por nós e mais no que nós mesmos somos capazes de construir para a felicidade do mundo.

Nós temos consciência de alguns dados inquietantes. Sabemos que o mundo tem estreitas alternativas para satisfazer as suas necessidades. Sabemos que a afluência da sociedade industrial beneficia apenas parcela reduzida dos habitantes da terra. Sabemos que os caminhos entrecruzados da pobreza e da marginalidade podem aumentar com maior rapidez do que a nossa capacidade de gerar bens e serviços para combatê-las. Não temos dúvidas sobre a urgência de aproveitar melhor os recursos naturais disponíveis no planeta, independente das fronteiras estatais e das meras considerações utilitárias em que se baseia, com frequência inusitada, a comercialização internacional. Sobretudo, sabemos que a nossa era não suportará, por mais tempo, qualquer forma de isolacionismo que se fundamenta sobre os antigos critérios que demarcavam a soberania dos Estados.

Diante da constatação de tantas evidências um fato alentador parece desprezado: o homem agindo sobre a natureza e senhor de uma vontade criadora com conseqüências sobre o eco-sistema. Mas ocorre que essa intervenção do homem, até agora descontrolada, implica em mutações radicais na composição ecológica que mantém o equilíbrio da vida humana. Implica, principalmente, em alterações profundas na qualidade da vida. Esse comportamento pouco inteligente do homem diante da natureza é um dos aspectos da crise do mundo em que

vivemos. E esta crise pode agravar-se se não acordarmos em tempo para as nossas responsabilidades. Sem medo de exagerar, é necessário frisar que todo homem é responsável pelo destino da humanidade, independente de sua raça, língua, religião, condição social ou ocupação profissional. Todo homem é responsável porque a responsabilidade, que no passado era individual, hoje é social, na medida em que todos somos irmãos na luta pela sobrevivência.

O momento para essa mudança no comportamento do homem é propício. Vivemos uma época de transformações aceleradas, em que todos os valores e modelos estão postos em questão. O homem avançou, com grande velocidade, em todos os campos do saber; mas, na medida em que ampliava a esfera do seu conhecimento, maior se revelavam os pontos de contato com a esfera do desconhecido, e mais distante se fazia o horizonte a conquistar.

As vitórias nos campos da Física, da Química, da tecnologia em geral encheram de orgulho a humanidade, até alguns anos atrás, mas já agora se mostram vazias no seu objetivo último, que será sempre o de servir o homem, na sua felicidade e bem estar, na sua transcendência. É sem dúvida evidente que o saber não se transforma em sabedoria sem que os elementos de natureza ética e moral os ordenem para o bem comum.

É chegada a hora de dominar a técnica, subordinando-a aos interesses maiores da humanidade. Vamos utilizá-la para freiar rapidamente a explosão de violência que, sob as formas mais refinadas, parece conquistar terreno. Vamos utilizá-la para aproximar os homens e dar-lhes a desejada convivência da mundialização; para acabar com a terrível solidão das grandes cidades do mundo inteiro, em que o homem, senhor de todos os processos e meios para comunicar-se, se sente cada vez mais só, afogado em um mar de informações que pouco ou nada servem para assegurar-lhe uma efetiva realização existencial. É preciso

superar o "tempo das provações", na linguagem de Toynbee, em que os desafios se multiplicam, e em que da nossa capacidade de dar-lhes respostas depende a sobrevivência ou morte da civilização.

Vale a pena tentar um esforço nesse sentido. Depende de uma mudança de atitude mental e, também, da consciência de que soluções que prescindem de critérios políticos são quase sempre pouco promissoras para resolver os problemas da sociedade moderna. E não se diga que o objetivo a ser alcançado é muito ambicioso. Nada disso. Temos de começar. E logo. Não custa nada exercitar o nosso poder de escolha do uso do futuro". Em uma síntese, vale a pena transformar o saber em sabedoria.